



QUINTA-FEIRA

A volta do Barão da Ralé

Quase 50 anos depois de sua estreia, 'Ópera do Malandro' volta aos palcos cariocas em montagem assinada por Jorge Farjalla. O musical de Chico Buarque ganha releitura com referências de música, teatro e cultura popular brasileira, sem perder a crítica social que marcou a obra. Em ensaio acompanhado com exclusividade pelo Correio da Manhã, o diretor revelou a Rafael Lima os caminhos da adaptação e a inspiração para trazer elementos da umbanda. Páginas 2 e 3



RAFAEL LIMA

Faltavam poucos dias para a estreia quando o palco do Teatro Multiplan ainda era tomado pelos ensaios. A orquestra, já afinadíssima, nos últimos ajustes, atores repetiam marcações e o diretor Jorge Farjalla circulava entre o elenco distribuindo orientações, abraços e palavras de incentivo. Foi nesse ambiente, acompanhado com exclusividade pelo Correio da Manhã, que nasceu a nova “Ópera do Malandro”, espetáculo que estreia nesta quinta-feira (6) temporada no Teatro Multiplan Village Mall apresentando ao público uma leitura inédita do clássico de Chico Buarque.

A história acompanha Max Overseas Navalha, contrabandista carismático que mantém um casamento secreto com Teresinha, filha de Duran e Vitória Régia, donos de uma rede de bordéis e ambiciosos comerciantes que sonham em ascender socialmente. Ao descobrir a união, o casal decide destruir o genero, mas acaba preso à mesma rede de corrupção que envolve o delegado Chaves, o Tigrão, parceiro dos negócios ilegais. Entre chantagens, disputas de poder, traições e jogos de interesse, a trama revela um universo onde malandros, prostitutas, policiais e empresários se misturam em uma sociedade sob o signo da contradição.

A montagem celebra quase cinco décadas da obra original, mas o caminho percorrido por Farjalla para chegar até ela começou muito antes. Nascido em 1978, o mesmo ano em que o musical estreou, o diretor conta que cresceu ouvindo as canções compostas por Chico para o filme de Ruy Guerra. “Minha mãe me apresentou esse universo quando eu tinha apenas um ano de idade. Sempre carreguei esse desejo de montar a obra e levá-la para o lugar onde eu acreditava que ela sempre pertenceu: a rua”, afirma.

Foi justamente dessa ideia que nasceu uma das principais marcas da montagem. Em vez de apenas transportar a história para os dias atuais, Farjalla construiu uma encenação que dialoga com a cultura popular e incorpora referências às entidades do povo da rua da umbanda. Pombagiras, Exus, Zé Pilintra e outras figuras simbólicas povoam a estética do espetáculo, estabelecendo um diálogo entre a dramaturgia de Chico, a tradição popular e a religiosidade brasileira.

Além das canções presentes na peça original, o diretor incorporou músicas escritas por Chico para o filme, ampliando significativamente o repertório do musical. Também surgem discretas referências contemporâneas que aproximam a narrativa da realidade atual e atualizam a figura do malandro. “O universo marginalizado mudou. Se antes o samba ocupava esse espaço, hoje existem outras manifestações



Adriano Doria

‘Todos vivem à margem. Não há para quem torcer’

Diretor Jorge Farjalla revela a criação de uma montagem que mistura música, teatro e referências da ancestralidade brasileira

culturais. Eu queria provocar essa reflexão sem abandonar a essência da obra”, explica.

Para Farjalla, a força da “Ópera do Malandro” permanece exatamente porque suas contradições continuam atuais. Inspirada em “A Ópera dos Mendigos”, de John Gay, e posteriormente recriada por Bertolt Brecht em “A Ópera dos Três Vinténs”, a versão brasileira mantém viva uma discussão que atravessa séculos. “A sociedade mudou muito pouco. Mudaram os celulares, a tecnologia, mas a natureza humana continua praticamente a mesma.”

Essa visão também aparece na construção dos personagens. Segundo o diretor, não existem heróis nem vilões. “Todos vivem à margem. Não há para quem torcer.

Cada personagem carrega suas próprias contradições.”

Durante o ensaio acompanhado pela reportagem, outro detalhe chamava atenção: a relação próxima entre o diretor e o elenco. Antes da retomada dos trabalhos, Farjalla reuniu os artistas para agradecer o empenho da companhia. Ele conta que essa forma de conduzir os ensaios nasceu de um ensinamento da atriz Rosa Maria Murtinho. “Ela me disse que um diretor nunca pode ser inimigo do ator. Precisa acolhê-lo. Teatro é ofício, é trabalho, e quem está aqui precisa sentir que faz parte dessa construção.”

Com direção musical de Gui Leal, produção da Palco 7 Produções e Solo Entretenimento, e apresentação da Petrobras, a montagem reúne José Loreto e Tiago Barbosa,

“Eu quero trazer uma humanidade para Geni. Uma Geni mais humana, mais próxima das pessoas”

VALÉRIA BARCELLOS

em alternância como Max, além de Totia Meireles, Carol Costa, Edgar Bustamante, Amaury Lorenzo, Valéria Barcellos e Marya Bravo.

Antes mesmo de subir ao palco, Geni já carregava uma história de resistência. Personagem criada por Chico Buarque em “Ópera do Malandro”, ela atravessou décadas como símbolo da exclusão, do preconceito e da hipocrisia social. Nessa montagem do musical, ga-

nha uma interpretação histórica: pela primeira vez em uma grande produção da obra, uma atriz trans assume o papel. Para Valéria Barcellos, é a realização de um encontro que levou dez anos para acontecer.

“Essa personagem é o personagem da minha vida”, afirma a atriz, em entrevista ao Correio da Manhã. “Eu estudo essa personagem há 10 anos para chegar nisso que eu cheguei agora.”

Divulgação



Tiago Barbosa retorna ao país após quatro anos na Europa para interpretar Max Overseas

Inspiração que veio de John Gay e Bertold Brecht

AFFONSO NUNES A “Ópera do Malandro”, escrita por Chico Buarque em 1978 e inicialmente dirigida por Luís Antônio Martinez Corrêa pela recém-fundada produtora Teatro dos 4, nasceu de uma conversa com o cineasta moçambicano Ruy Guerra. A ideia era adaptar para o Brasil duas obras que, à época, já formavam uma linhagem: “A Ópera do Mendigo” (1728), de John Gay, e “A Ópera dos Três Vinténs” (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill.

A cadeia genealógica começa em Londres, quando John Gay estreou sua obra no Lincoln’s Inn Fields Theatre. Tratava-se de uma ballad opera — peça com diálogos falados intercalados por canções populares — que parodiava a ópera italiana importada e, sobretudo, satirizava a política inglesa, com alusões claras ao então primeiro-ministro Robert Walpole. O herói, Macheath, era um bandleiro charmoso, e a obra enchia os palcos com prostitutas, ladrões e informantes, questionando a fronteira entre criminalidade e a sociedade inglesa.

Duzentos anos depois, Brecht e Weill transformaram o material de Gay numa obra nova, com libreto baseado na tradução de Elisabeth Hauptmann. “A Ópera dos Três Vinténs” deslocou a ação

para uma Londres vitoriana e introduziu o aparato do teatro épico brechtiano: distanciamento, canções de comentário, e a crítica marxista à hipocrisia burguesa. Mackie Messer (Mack the Knife) tornou-se símbolo da violência capitalista disfarçada de elegância. A partitura de Weill, com suas referências de cabaré, dizia tanto quanto o texto de Brecht.

Chico Buarque, por sua vez, leva sua dramaturgia para o Rio de Janeiro da década de 1940, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas e a Segunda Guerra Mundial. O bandleirismo inglês agora é malandragem carioca; a ópera parodiada virou samba, bolero, marchinha... e a crítica à burguesia europeia assume ares de denúncia ao capitalismo burocrático brasileiro e sua modernização entreguista. “O nosso trabalho tem a estrutura da peça de Gay, o enfoque crítico de Brecht, mas é essencialmente brasileiro”, disse Chico à época.

A ressignificação é profunda. O casamento que em Gay e Brecht selava a aliança entre crime e polícia torna-se, em Chico, a formalização do contrabando pelo Estado Novo — o casamento de Teresinha com Max Overseas. A figura de Geni, a travesti que “só serve para apanhar”, é criação original, sem equivalente direto nas obras anteriores.

O musical usava o passado varguista como espelho da ditadura militar dos anos 1970 — artilho que permitiu a Chico driblar a censura. Quase cinquenta anos depois, a “Ópera do Malandro” segue com sua crítica radical aos valores (ou falta de) da sociedade brasileira.

Adriano Doria



A atriz trans Valéria Barcellos vive Geni em uma interpretação histórica

Adriano Doria

“O universo marginalizado mudou. Se antes o samba ocupava esse espaço, hoje existem outras manifestações culturais. Eu queria provocar essa reflexão sem abandonar a essência da obra”

JORGE FARJALLA



Musical fará curta temporada no Teatro Multiplan, somente até dia 30 de agosto, com sessões de quinta a domingo

A preparação para o papel foi uma imersão que ultrapassou o texto original. Valéria buscou compreender as diferentes camadas da personagem, mergulhando nas referências que deram origem à obra de Chico Buarque. Mais do que reproduzir uma imagem já conhecida pelo público, a atriz quis construir uma Geni humana, com suas contradições e fragilidades. “Eu consigo dizer o que ela signifi-

ca na minha vida. É uma mudança completamente imensa, de direcionamento de carreira, de coisas. Eu quero trazer uma humanidade para Geni. Uma Geni mais humana, mais próxima das pessoas”, explica.

Na visão de Valéria, a força da personagem está justamente na mistura de opostos. Geni é forte e vulnerável, decidida e insegura, alguém que carrega marcas de uma sociedade que muitas vezes rejeita

aquilo que depois precisa para sobreviver.

A atriz também destaca a relação entre personagem e experiência pessoal. Para ela, o processo não está apenas em se aproximar de Geni, mas também em conseguir se afastar dela para enxergar novas possibilidades. “É muito doido pensar que eu sou um pouco dela e tenho coisas dela, mas não tenho ao mesmo tempo. Eu coloquei um pouco da

minha vivência em tudo isso.”

Ao lado de Valéria está Tiago Barbosa, que retorna ao Brasil após quatro anos trabalhando na Europa para interpretar Max, papel que divide com José Loreto. Carioca, o ator celebra a oportunidade de voltar à cidade natal justamente com uma obra profundamente ligada à identidade do Rio. “É uma delícia voltar ao Brasil para fazer uma obra brasileira. Depois de tantos

anos fazendo grandes clássicos de fora, voltar para o meu país, para a minha cidade, fazendo uma obra como essa, é um grande privilégio”, afirma.

Para Tiago, “Ópera do Malandro” possui uma conexão especial com o Rio de Janeiro. A história, ambientada em uma atmosfera de boemia, contravenção e música popular, carrega elementos que remetem diretamente à cidade, especialmente à região da Lapa e às manifestações culturais que formam a identidade carioca. “Acho que a Ópera do Malandro é muito Rio de Janeiro. Ela tem essa cara da Lapa, essa cara da comunidade, essa cara do povo brasileiro”, diz.

Na construção de Max, o ator destaca a possibilidade de apresentar um personagem cheio de nuances. Apesar de ser um contraventor, Max não representa apenas a figura tradicional do malandro. Ele conquista pela inteligência, pela palavra e pela capacidade de transitar entre diferentes mundos.

Tiago também ressalta a liberdade criativa da montagem dirigida por Farjalla, que mantém o espetáculo em constante movimento. “Se ele tem alguma coisa que quer modificar, ele vai mudar até o último dia de apresentação. É um olhar que está em movimento.”

Para o ator, o público encontrará uma obra divertida, mas também carregada de significado. “É um show leve, mas muito político. É importante. Coloca a mulher em um lugar muito bonito, é inclusivo, tem diferentes corpos e uma galera com muito talento”, comenta.



Um empate, dois olhares, muito Brasil

Inesperada divisão de prêmio entre 'Manas' e 'O Agente Secreto' celebra empenho do troféu Grande Oteelo em exaltar filmes que atraíram respeito no exterior

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã



Luiz Carlos Barreto, que nos deixou no último dia 22, foi o grande homenageado da noite de gala do cinema brasileiro

Ao completar um quarto de século da atividade cinematográfica neste país, o troféu Grande Oteelo bifurcou-se por duas trilhas - de eixo em Pernambuco - ao contemplar a categoria de Melhor Longa-metragem de Ficção (a mais disputada de suas 32 láureas), na última terça, levando Marianna Brennand e Kleber Mendonça Filho ao palco do Theatro Municipal. Ambos subiram com suas volumosas equipes, num caso único de empate nos 25 anos de celebração de autoridades promovido pela premiação da Academia Brasileira de Cinema.

Radicalmente distintos na habilidade de conversar com plateias, diferentes sobretudo nas cifras que acumularam, os títulos vencedores, "Manas" e "O Agente Secreto", aproximam-se não só pelo DNA pernambucano em suas veias, mas, pela habilidade singular de arrebatrar olhares de grandes mostras do audiovisual estrangeiro.

Não por acaso, no ano passado, quando houve a escolha de nosso

VENCEDORES DO PRÊMIO GRANDE OTELO 2026

Melhor Longa-Metragem de Ficção:

"Manas", de Marianna Brennand e "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho.

Melhor Direção: Marianna Brennand, por "Manas".

Melhor Primeira Direção de Longa-Metragem: Rafaela Camelo, por "A Natureza das Coisas Invisíveis".

Melhor Ator de Longa-Metragem: Jesuítas Barbosa, por "Homem com H".

Melhor Atriz de Longa-Metragem: Denise Weinberg, por "O Último Azul".

Melhor Atriz Coadjuvante: Dira Paes, por "Manas".

Melhor Ator Coadjuvante: Rodrigo Santoro, por "O Último Azul".

Melhor Longa-Metragem de Comédia: "Velhos Bandidos", de Claudio Torres.

Melhor Longa-Metragem Ibero-Americano: "Belén" (Argentina), de Dolores Fonzi, e "O Riso e a Faca" (Portugal), de Pedro Pinho.

Melhor Roteiro Original: Felipe Sholl, Marcelo Grabowsky, Marianna Brennand, Carolina Benevides, Antonia Pellegrino e Camila Agustini, por "Manas".

Melhor Roteiro Adaptado: Daniel Rezende, por "O Filho de Mil Homens".

Melhor Longa-Metragem Infantil: "O Diário de Pilar na Amazônia", de Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put.

Melhor Ator em Série de Ficção para TV Aberta ou Streaming: Johnny Massaro, por "Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente".

Melhor Atriz em Série de Ficção para TV Aberta ou Streaming: Alice Carvalho, por "Cangaço Novo".

Melhor Série de Ficção para TV Aberta ou Streaming: "Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente" (1ª temporada).

Melhor Curta-Metragem de Ficção: "Amarela", de André Hayato Saito.

Melhor Longa-Metragem de Animação: "Tainá e os Guardiões da Amazônia - Em Busca da Flecha Azul", de Alê Camargo e Jordan Nagem.

Melhor Série de Animação para TV Aberta ou Streaming: "Osmar, a Primeira Fatia do Pão de Forma" (3ª temporada).

Melhor Curta-Metragem de Animação: "A Tragédia do Lobo Guará", de Kimberly Palermo.

Melhor Longa-Metragem Documentário: "Apocalipse nos Trópicos", de Petra Costa.

Melhor Montagem de Documentário: David Barker, Tina Baz, Nels Bangarter,

Jordana Berg, Victor Miaciro e Eduardo Grippa, por "Apocalipse nos Trópicos".

Melhor Série de Documentário para TV Aberta ou Streaming: "Caçador de Marajás" (1ª temporada).

Melhor Curta-Metragem Documentário: "Sebastiana", de Pedro de Alencar.

Melhor Filme pelo Júri Popular: "Homem com H", de Esmir Filho.

Melhor Montagem de Ficção: Isabela Monteiro de Castro, por "Manas".

Melhor Direção de Fotografia: Evgenia Alexandrova, por "O Agente Secreto".

Melhor Efeito Visual: Alexandre Boiron, Luuk Meijer e David Van Heeswijk, por "O Agente Secreto".

Melhor Som: Ana Luiza Penna, Martín Grignaschi e Armando Torres Jr., ABC, por "Homem com H".

Melhor Direção de Arte: Thales Junqueira, por "O Agente Secreto".

Melhor Maquiagem: Martín Macías Trujillo, por "Homem com H".

Melhor Figurino: Gabriella Marra, por "Homem com H".

Melhor Trilha Sonora: Guilherme Amabis, Mariana Amabis e Rica Amabis, por "Homem com H".



Kleber Medonça Filho,
de 'O Agente Secreto'



Marianna Brennand,
diretora de 'Manas'



Esmir Filho, diretor de
'Homem com H'



representante para o Oscar, houve um racha envolvendo os dois. O primeiro teve seu parto no Festival de Veneza de 2024, conquistado (de cara) o Director's Award da Giornata degli Autori, viajou para telas nos EUA, na Alemanha, no México e, depois, disputou o Goya, na Espanha.

O segundo nasceu no Festival de Cannes de 2025, onde, em feito histórico, ganhou quatro prêmios, antes de vencer o Globo de Ouro de Melhor Filme Internacional e o de Melhor Ator (para Wagner Moura) e disputar o Oscar. Assemelham-se ainda no desejo de escancarar para o mundo intolerâncias do Brasil, sendo um – plenamente realista – focado na violência contra as mulheres e o outro, com veio alegórico, debruçado sobre desequilíbrios de estado. Nessas semelhas, sustentadas por múltiplas excelências, os dois dividi-

ram a honraria batizada com a alcunha de um de nossos mais populares intérpretes, que, agora, por decisão do prefeito Eduardo Cavaliere passa a fazer parte do calendário oficial da cidade.

Esse anúncio assegura mais tranquilidade para a Academia Brasileira de Cinema, entidade hoje presidida pela produtora Renata Almeida Magalhães que luta em prol da autossustentabilidade da atividade cinematográfica, clamando por mais (e melhor) cota de tela para os nossos filmes. Não por acaso, os 350 profissionais associados à entidade não esqueceram a maior bilheteria de 2026, até aqui, "Velhos Bandidos", de Claudio Torres (com cerca de 430 mil pagantes) ao votar na categoria Melhor Comédia.

"Temos uma cinematografia de dar orgulho e que justifica toda a nossa insistência em produzir obras

independentes que só nós podemos fazer. Valeu, vale e valerá a pena. Afinal, a nossa alma não é pequena", disse Renata, na abertura da cerimônia, dedicando-a ao mítico Barretão, Luiz Carlos Barreto (1928-2026), produtor morto no dia 22 de julho.

Desde a primeira edição, em 2002, quando venceu "Bicho de Sete Cabeças", de Laís Bodanzky, a premiação anual da Academia nunca de lado deixou nossos fenômenos, fossem de público ou de crítica, contemplando "Cidade de Deus", "Tropa de Elite 2", "Aquarius", "Marighella" e o oscarizado "Ainda Estou Aqui". Só nunca se viu vitória ex aequo, ou seja, empatada. Na decisão do Melhor Filme Ibero-Americano, empataram o luso-brasileiro-moçambicano "O Riso e a Faca", de Pedro Pinho, com "Belén", da argentina Dolores Fonzi. No fim, veio o empate entre o drama de de-

núncia a crimes sexuais de Mariana Brennand e o thriller de Kleber.

"Manas" testemunha o processo de maturidade a fórceps de Marcielle/Tielle (Jamilli Correa), de 13 anos, num ambiente assombrado pela brutalidade contra as mulheres, nas águas da Ilha do Marajó (PA). Dira Paes é um dos destaques do elenco, num papel que surpreende a plateia. Coube à essa produção ainda os troféus de Melhor Direção, Melhor Roteiro Original, Melhor Montagem Ficção e Melhor Atriz Coadjuvante (para Dira). "Viva as manas! Vamos quebrar o silêncio", clamou Marianna.

Centrado no Brasil da ditadura, em 1977, mas sem falar essa palavra ou citar nossos generais golpistas, "O Agente Secreto" acompanha os percalços de um professor e pesquisador da universidade pública do Recife acossado por matadores.

Além da bola dividida com Mariana, ele recebeu os troféus de Melhor Direção de Arte, Melhor Efeito Visual e Melhor Direção de Fotografia - quatro no total.

"Queria agradecer ao Kleber por ter me apaixonado pelo Brasil a partir de seu olhar", disse a francesa Emilie Lesclaux, companheira do cineasta e produtora de seus longas, celebrando o êxito comercial da produção. "Nós fomos muito felizes lançando o filme no Brasil, onde, graças ao trabalho da (distribuidora) Vitrine Filmes, chegamos a 2,5 milhões de espectadores".

Kleber falou na sequência, lembrando que a entrega do Grande Otelo "é uma festa de todos nós", mas contestou: "existe um ar sudestino que a gente precisa dissipar".

O título mais premiado da noite de 4 de agosto de 2026 da trajetória do Grande Otelo também fez muito bonito em circuito (quase 600 mil pagantes) e depois ganhou mundos via Netflix: "Homem com H", de Esmir Filho. O biopic de Ney Matogrosso levou seis troféus, entre os quais o de Voto Popular e (para surpresa geral) o de Melhor Ator, em que o cearense Jesuíta Barbosa (de fato sublime) destronou o favoritismo do baiano Wagner Moura (em "O Agente Secreto"). Os troféus de Melhor Documentário e Melhor Montagem de Narrativa Documental foram para "Apocalipse nos Trópicos", de Petra Costa, fita que também teve apelo internacional de peso em festivais como Veneza e San Sebastián.

Concebido para ser um Oscar do Brasil, como o César da França e o já citado Goya da Espanha, o Grande Otelo acertou em cheio ao demonstrar sintonia com longas que reverberaram planeta afora. Nestes tempos de arrecadações mirradas para o cinema nacional, quando cinco títulos de Hollywood ultrapassam a margem do bilhão em suas arrecadações ("Toy Story 5", "Michael", "Super Mario Galaxy", "Homem-Aranha: Um Novo Dia" e "A Odisseia"), aplaudir a habilidade de nossos filmes em dialogar com outras nações é expandir redes e ampliar nossa visibilidade.

Daí a lindeza que foi a vitória de "O Último Azul", nas categorias Melhor Atriz (para Denise Weinberg) e Melhor Coadjuvante, que coroou um Rodrigo Santoro cinquentão. Esse river movie de Gabriel Mascaro deu seus primeiros passos na Berlinale, onde ganhou o Grande Prêmio do Júri, celebrando o realismo mágico latino-americano, e terminou abrindo o Festival do Cairo, no Egito. Santoro, que estreou "Bicho de Sete Cabeças" quando a Academia Brasileira de Cinema ainda engatinhava, depois de uma fase de desmonte em nosso audiovisual, emocionou o Municipal ao celebrar a reconexão com o público planeta adentro: "Que a gente nunca mais precise de uma Retomada", disse ao astro, sugerindo que sejamos contínuos. Oxalá!

June Films



A pequena Chaya em 'Les Yeux Verts' vê o mundo numa mirada de sonho com a grife da dupla de cineastas Fanny Liatard e Jérémy Trouilh (abaixo)

Desenraizamento nas raiais do sonho

A tocante Chaya de 'Les Yeux Verts' abre o Festival de Locarno no encanto de uma produção belgo-sueco-francesa que atesta o talento à direção de Fanny Liatard e Jérémy Trouilh



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

O primeiro presente que o 79º Festival de Locarno oferece à cinefilia internacional, no início do primeiro tempo regulamentar de sua partida na Copa das narrativas audiovisuais de invenção, é uma heroína, mas não daquelas fantásticas, em modo She-Ra, nem daquelas guerreiras tipo Charlize Theron (em "Atômica"), e, sim, uma criança... uma garota cuja arma é o sonho: Chaya.

Vivida pela belga de origem marroquina e espanhola Douae Butarbuch Mzaouki, a protagonista de "Les Yeux Verts" - filme de abertura do evento suíço, exibido na quarta na Piazza Grande, o centro da mostra - é um corpo em trânsito, desenraizada do mundo árabe onde nasceu para se lançar no Velho Mundo, na região de Landes, na França, à beira-mar. Quando seus parentes descobrem que serão despejados, o irmão mais velho da guria, Nour, mergulha em um sono profundo e mis-

terioso. Chaya fará de tudo para despertá-lo, chegando até mesmo a entrar em seus sonhos para encontrá-lo. Esse tom onírico, impresso na longa-metragem pela dupla de cineastas Fanny Liatard e Jérémy Trouilh (do festejado "Edifício Gagarine"), alinha-se com as ambições da direção artística da maratona cinematográfica organizada sob a curadoria de Giona A. Nazzaro, um crítico de Zurique.

A principal delas: mesclar o pop ao erudito, na grife autoral de Fanny e Trouilh em narrar os desacetos da contemporaneidade por prismas de gente bem moça, numa raia entre a infância e a adolescência. "Tentamos criar um conto sobre ritos de iniciação da perspectiva de uma menina de 11 anos que necessita se aliar com o novo território que vem ocupar, carregando no verde de seus olhos o verde da floresta. A ideia era fazer 'um filme de autor de criança', se é que isso pode ser viável, assumindo o cotidiano num aspecto realista que muda conforme Chaya sonha", explica Fanny, via zoom, ao Correio da Manhã. "O desafio com nosso diretor de fotografia, Victor Seguin, era descobrir a linguagem do sonhar".

O roteiro filmado por ela e por Trouilh aborda, na situação física de Nour, uma condição neurológica chamada de "síndrome de resignação" ou "síndrome da apartia", que afeta jovens, a maioria delas



A dupla de cineastas Fanny Liatard e Jérémy Trouilh

em diáspora, num êxodo ligado a situações traumáticas. Quem sofre esse trauma "desliga", ou seja, para de andar, de falar ou mesmo de abrir os olhos. É uma das sequelas da violência da imigração. Essa moléstia é mais comum na Suécia, que entrou como coprodutora da saga de Chaya, com a França e a Bélgica.

"A travessia do Mediterrâneo é parte da experiência de Chaya e de sua família, até numa medida traumática, e o novo espaço território em que ela chega vai se transformando e até evoluindo em seu olhar infantil conforme ela, em sua inquietude, vai entendendo seu entorno", diz Trouilh ao Correio,

num zoom. "Na casa para onde vai, há muitos elementos que criam laços simbólicos entre o território geográfico, europeu, para onde ela vai, e seu mundo interno. Ela consegue se manter livre ao trafegar entre essas duas instâncias. Nossa proposta, no desenvolvimento do filme, foi usar recursos de som para traduzir, numa sinestesia com a imagem, a medida de inquietação de Chaya".

Na direção de Doua, os cineastas usaram o desenho como forma de aproximar a menina dos tópicos que cercam "Les Yeux Verts". "Ela desenhava o que entendia de cada cena e, nessa expressão, compreen-

dia tudo o que nós estávamos fazendo", disse Fanny.

Nesta quinta a competição pelo Leopardo de Ouro arranca, numa paradinha no Canadá, com "Manhunt", de Wayne Wapeemukwa. Dois jovens fogem de vidas sem perspectivas numa viagem de carro rumo à fronteira norte do território canadense. Reconfigurando um caso real de violência como uma parábola, o diretor a busca por um sentido para uma existência onde a brutalidade parece inescapável. No site oficial de Locarno, Wapeemukwa, explica que seu "Manhunt" busca reinterpretar um crime real numa mirada de estudo sobre a solidão, a masculinidade, a fantasia digital e o desejo colonial de recomeço

Nesta quinta-feira, cogita-se que Isabella Rossellini estará na plateia da cópia restaurada de "Coração Selvagem" ("Wild At Heart", Palma de Ouro de 1990), de seu finado companheiro David Lynch (1946-2025). Ela interpretou Perdita nesse cult, ao lado de Laura Dern e Nicolas Cage. Antes, nesse mesmo dia, ela exibe uma antologia de curtas-metragens sobre o mundo animal que dirigiu, chamada "The (Many) Cinematic Worlds of Isabella Rossellini", recebendo, de lambuja, o Excellence Award, um troféu honorário sobre sua carreira.

Locarno termina no dia 15, com a sessão da comédia "Ni Vue, Ni Connue", de Marc Fitoussi, com Isabelle Huppert e Sandrine Kiberlain. A diva vive uma aspirante a atriz que sonha contar com as dicas de Sandrine - uma coqueluche em Paris - para explodir em seu ofício. Na mesma data rola a premiação oficial, com a presença do Brasil na caça ao Leopardo dourado com "A Margem do Rio", de de Matheus Farias e Enock Carvalho. Na mostra competitiva Cineasti del Presente, voltada para primeiros e segundos longas, Ana Vaz bate ponto com "Hanabi" ("Fire Flower"), reafirmando sua posição entre as vozes mais experimentais da contemporaneidade.

O lado B de uma bossa encantadora

Roberto Menescal e Cris Delanno levam ao Espaço BNDES repertório de álbum da dupla lançado no ano passado

AFFONSO NUNES

Músico e produtor experiente, Roberto Menescal costuma

dizer que fazer show gratuito é a melhor coisa do mundo. Aos 88 anos e mais de 70 de carreira, o homem que está entre os inventores da batida da Bossa Nova e Cris Delanno apresentam nesta quinta-feira (6), às 19h, no Espaço BNDES, o show “O Lado B da Bossa” com o repertório do álbum homônimo gravado com a cantora, uma de suas afilhadas musicais.

O conceito do espetáculo — e do álbum que o originou — partiu de Cris: revisar canções que

não figuram nas listas mais populares do gênero, ficando à sombra dos grandes standards, mas que

guardam a mesma elegância. “São músicas que a gente adora. Com a cara da gente. Saudade do que a gente fez, mas também saudade do futuro”, avisa Menescal.

O repertório inclui “Deixa” (Baden Powell e Vinicius de Moraes), “O Negócio É Amar” (Carlos Lyra e Do-

lores Duran), “Chora Tua Tristeza” (Oscar Castro-Neves), “Mentiras” (João Donato) e o medley “Este seu olhar/Promessas” (Tom Jobim e Newton Mendonça).

A parceria entre Menescal e Cris tem mais de três décadas.

Ela começou a trabalhar com ele aos 18 anos, em vocais de apoio, e desde então os dois dividiram estúdio e palcos pelo Brasil e pelo mundo. O álbum foi gestado em 12 encontros na casa de Menescal, no Recreio dos Bandeirantes, e na sede da Abramus, na Barra da Tijuca.

Os arranjos foram escritos à mão e depois passados para o computador pelo pianista Adriano Souza. Há ainda uma camada de afeto que perpassa todo o disco: a faixa “O Bondinho” é parceria de Menescal com Cris e Alex Moreira, companheiro da cantora por 22 anos, falecido em outubro de 2023. Foi a música,

segundo Cris, que a trouxe de volta ao estúdio. “A música cura tudo. Tudo mesmo”, disse ela na época do lançamento do trabalho.

No palco do BNDES, o mesmo trio do disco: João Cortez na bateria, Adriano Souza no teclado e Adriano Giffoni no contrabaixo. Menescal volta ao violão Giannini — instrumento que, depois de anos preterido por guitarras, foi restaurado pelo luthier Luiz Felipe de Moraes, que por acaso tornou-se vizinho de condomínio do músico. Foi o violão que pediu o tom do projeto: intimista, artesanal, feito de encontros.

Para quem tem 88 anos e uma agenda que incluiu cinco shows em cinco dias consecutivos, o entusiasmo é o mesmo do jovem que subornou um garçom aos 17 para entrar num bar e ouvir Johnny Alf tocar — episódio que mudou sua vida. “Saí daquele bar louco”, conta. Agora, o músico promete um fim de dia inesquecível para o que considera a platéia dos seus sonhos.

“O Lado B da Bossa” é, segundo ele, um dos espetáculos que mais gosta de fazer. Não é difícil entender por quê.

SERVIÇO
ROBERTO MENESCAL E CRIS DELANNO - O LADO B DA BOSSA

Espaço BNDES (Av. Chile, 100 - Centro) | 6/8, às 19h
Entrada gratuita, com retirada de ingressos meia antes do espetáculo



Revelada por Roberto Menescal, Cris Delanno participa de projetos do mestre há mais de 30 anos

Marcos Hermes/Divulgação

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

O ‘Choro Negro’ por Cristóvão e Mauro Senise

Entre os dias 6 e 9, a Acaso Cultural apresenta o Acaso Duos, com quatro apresentações no formato piano e parceiro. A abertura nesta quinta (6), às 20h, terá o pianista Cristóvão Bastos e o saxofonista Mauro Senise, que interpretam obras de Paulinho Da Viola inspiradas no álbum “Choro Negro”. A dupla percorre temas como “Um Choro pro Waldir”, “Sarau para Radamés” e a faixa-título, entre outros.



Nana de Moraes/Divulgação

Um tributo ao genial Luiz Melodia

O cantor e compositor Hugo Ojuara apresenta nesta quinta (6), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, o show “O balanço do Estácio – Uma homenagem a Luiz Melodia”, em que mergulha na poesia, na musicalidade e na identidade de um artista marcado pela autenticidade e ousadia. Ojuara vai revisar clássicos como “Pérola Negra”, “Margrelinha”, “Juventude Transviada” e “Fadas”, entre outras canções.



Reprodução YouTube

Gemas Cariocas cantam a força da mulher

As Gemas Cariocas, coletivo vocal feminino criado em 2019, apresentam nesta quinta (6), às 19h, no Centro da Música Artur da Távola, um pocket show do novo projeto artístico do grupo, que propõe um passeio pelas múltiplas faces da mulher por meio da música. O repertório percorre diferentes vivências, sentimentos e perspectivas do universo feminino, destacando a força, a resistência e a alegria das mulheres.



Divulgação

Igor Garrido reverencia o ídolo Fábio Jr.

O cantor Igor Garrido, com mais de três décadas de carreira, apresenta nesta quinta (6), às 20h, no Blue Note Rio, show em homenagem a Fábio Jr., artista que o influenciou desde a juventude. No repertório, canções como “Caça e Caçador” e “Só Você”, além de um bloco dançante com sucessos das décadas de 1970 e 1980. O artista revela que essa reverência ao ídolo era “um sonho antigo”.



Divulgação

SÓ CARIOQUICES

por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Imagem criada com a IA Nano Banana 2

O samba, com todas as suas vertentes, foi a solução mais pujante e criativa que o carioca já encontrou para se apresentar através da música. E dentro dele uma vertente foi mais longe ainda: o samba de enredo, em que o povo cansou de esperar que contassem a sua história e passou a contá-la ele mesmo.

Simas e Mussa, em “Samba de enredo: história e arte”, cravaram a sentença: é o único gênero épico genuinamente brasileiro. Eu arriscaria uma extensão: é o épico urbano que o Ocidente deixou de produzir e fingiu não sentir falta. Homero em ritmo de bateria.

Faz-se samba de enredo no Rio, do jeito que conhecemos, há quase cem anos. Atravessou a República inteira. Ajudou a desenhar o que é ser carioca. Coisa fundadora - e quase ninguém liga.

Em algum momento, a música urbana da cidade arrumou um verniz de bom gosto e empurrou para a margem justamente o que tinha de mais seu. O samba foi para o fundo da sala. Os compositores foram atrás.

O reconhecimento que veio - pequeno, atrasado - foi arrancado no braço. Custou décadas de teimosia até Martinho da Vila, Cartola, Nelson Cavaquinho e Arlindo Cruz chegarem ao lugar que sempre foi deles.

Mas e o samba de enredo, a mais carioca das vertentes? Aposto que muita gente nunca ouviu falar de Silas de Oliveira, Mano Décio da Viola, Geraldo Babão, David Corrêa. Passemos aos vivos: Cláudio Russo, André Diniz, Samir Trindade, Junior Fionda, Lequinho... O país sabe de quem eu estou falando?

Respondo sem rodeio: de alguns dos maiores compositores populares que esta cidade já teve. Gente que escolhe a nota como quem escolhe a palavra e lapida a palavra como quem afina a nota. Não devem nada aos gigantes da MPB. Só não foram chamados para a mesma foto. O problema, desconfio, é de endereço. Para merecer o ouvido da opinião pública, a regra parece ser aparecer num bar caprichado de Ipanema ou do Leblon. Passou do Rebouças, esquece.

E a velha cantilena recomeça: tudo que é de fato popular é observado de nariz empinado por uma elite que se nomeia curadora do gosto alheio. Vocação antiga a nossa: jurar que a boa educação desce de cima, como se a rua não fosse universidade, como se a



Os grandes poetas da MPB que muitos não conhecem (ou fazem questão de desconhecer)

sabedoria do povo não formasse ninguém.

E quero deixar algo bem claro. Não busco aqui criar nenhum tipo de luta cultural de classes ou promover um embate social entre praia e subúrbio. Cartola era um poeta raro tanto quanto Tom Jobim era um gênio musicista. Cada qual com sua conta bancária.

O papo é outro. É sobre reconhecimento. Por que defendo isso com tanto fervor logo agora?

Porque começaram os concursos de samba-enredo do próximo carnaval. E concurso de samba-enredo é, no fundo, o maior festival de música popular do país. Um manancial de arte e de informação que esses compositores entregam todo ano, e que quase ninguém divulga em larga escala em nível nacional.

Um exemplo, para não ficar no abstrato: a letra do Paraíso do Tuiuti para 2027 é uma aula de história urbana do Rio. Assinada

por Cláudio Russo, Luiz Antônio Simas e Gustavo Clarão - os dois primeiros também autores do enredo -, ela conta a vida de Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, a baiana de Santo Amaro que fez da própria casa o berço do samba carioca.

O samba faz as vezes de um livro. Situa a época, o contexto, e não poupa a picareta de Pereira Passos, que derrubou o Centro e expulsou os pobres em nome do progresso. Mas volta sempre ao essencial: foi ali, no terreiro dela, sob a bênção dela, que o bom samba urbano do Rio veio ao mundo. Uma aula inteira coube numa letra.

Tomara que um dia os responsáveis por tanta coisa - arte que também é ensino - recebam o reconhecimento de quem pensa, analisa e respira as artes brasileiras.

Enquanto o dia não chega, eles seguem na luta de sempre. Agora mesmo, em alguma quadra do subúrbio, um compositor defende o samba que escreveu, diante de um júri e de uma torcida que não deixa a nota cair.

Ele talvez nunca saia no caderno de cultura da Folha de S.Paulo nem entre em uma antologia musical brasileira. Mas daqui a algum tempo uma cidade ou um país inteiro vai cantar o verso dele sem saber que é dele.

E cantar (e falar) junto, aqui, sempre foi o nosso jeito de não deixar morrer.